

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

O MAL ESTAR NA CONTEMPORANEIDADE¹ CONTEMPORARY AND ITS DISCONTENTS

Andressa Pedrazzi Petri², Vitória Ribeiro Krambeck³, Juliana Da Silva Lima⁴, Claudia Bona Ciotti⁵

¹ Projeto de pesquisa realizado no curso de Psicologia da Unijuí, na disciplina de Filosofia e Psicologia 2

² Acadêmica do Curso de Psicologia da Unijuí.

³ Acadêmica do curso de Psicologia da Unijuí.

⁴ Acadêmica do curso de Psicologia da Unijuí.

⁵ Acadêmica do Curso de Psicologia da Unijuí.

A sociedade contemporânea tem como máxima a busca pela felicidade a partir da liberdade individual. Em plena Globalização não é de se estranhar que as imagens, ou melhor, as aparências falem mais que mil palavras. Atualmente, as noções de sucesso e felicidade estão intimamente relacionadas ao que pode ser mostrado e divulgado nas mídias sociais. Assim, difunde-se pela mídia, a ideia de uma satisfação completa. Em contrapartida, crescem as vendas de antidepressivos e as medidas utilizadas para aliviar as frustrações do cotidiano. Bem como, evidencia-se o caráter individualista e egocêntrico do momento atual. As relações sociais são descartáveis, assim como os objetos, as profissões, fazendo com que emerga o isolamento social, quem tem como alicerce as conexões de redes sociais, que no lugar de aproximar, afastam cada vez mais os sujeitos.

A exigência de sucesso e felicidade faz com que o sujeito seja consumido por uma rotina mortífera. As vivências cotidianas serenas e prazerosas, perdem lugar para as tarefas de uma rotina extremamente acelerada e enlouquecedora, na qual necessidade de alcançar o poder de consumo máximo e a falta tempo para o ócio caracterizam o dia a dia contemporâneo.

No texto O Mal-Estar na Civilização, Freud (1930) compara as vidas humanas civilizadas e selvagens, a fim de refletir sobre o sentido da civilização. O ensaio generaliza as teorias psicosssexuais que Freud introduziu no início da sua pesquisa, o conflito edipiano, as teorias de impulsos sexuais, a repressão, o deslocamento e a sublimação. Freud (1930) expande seu interesse em identificar os aspectos neuróticos próprios da sociedade. Vale ressaltar, que anteriormente, em Além do Princípio do Prazer, Freud (1920) havia escrito sobre a natureza violenta e cruel da humanidade anteriormente, revisando sua tese de que os seres humanos são movidos por um desejo de satisfação erótica, bem como, são igualmente impulsionados por um desejo de destruição.

A teoria da pulsão de morte que Freud (1920) formulou em meio aos estilhaços da Primeira

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

Guerra Mundial (1914 - 1918), encontra uma aplicação mais ampla em O Mal-Estar Na Civilização, do ponto de vista cronológico esse ensaio se aproxima das reflexões de Freud em O Futuro de Uma Ilusão de 1927, em que Freud descreve a religião organizada como uma neurose coletiva. Freud argumenta que a religião realiza um grande serviço para a civilização por domar os instintos antissociais e criar um senso de comunidade em torno de um conjunto compartilhado de crenças. Isso exige um enorme custo psicológico para o indivíduo que fica perpetuamente subordinado a figura do pai Primal encarnado por Deus. Freud (ateu), refinou suas teorias em O Mal-Estar na Civilização, para delinear com mais ênfase a relação entre psicanálise e religião bem como entre o indivíduo e a civilização.

Freud (1930) propõe que o instinto primitivo dos seres humanos é agir regressivamente com outro. Nas sociedades primitivas, o chefe da família era livre para as manifestações instintivas de sua agressão à custa de todos os outros, na sociedade civilizada temos restringido a nossa inclinação para a agressão através de leis e da imposição do Poder interno/externo, para garantir a máxima segurança e felicidade para todos. Enquanto precisamos da sociedade para escapar das forças da direção e a destruição mútua, a necessidade de contrariar os nossos instintos agressivos paradoxalmente causa grande infelicidade. O sentimento de culpa se torna cada vez mais pesado e nos casos mais extremos das várias formas de neurose psicológica, os indivíduos conseqüentemente começaram a se rebelar contra a civilização com uma agressão que excede o nível da agressão originalmente suprimida ameaçando a sociedade.

Dessa forma, Freud (1930) faz uma analogia estendida entre o desenvolvimento libidinal do indivíduo e a evolução da civilização, identificando três fases paralelas: 1- caráter de Formação: aquisição de uma identidade distinta; 2- sublimação: canalização da energia primitiva para outras atividades físicas ou psicológicas; 3- A não satisfação e renúncia dos instintos: o enterro de impulsos agressivos no indivíduo em benefício às leis da sociedade. Freud (1930) também identifica uma diferença fundamental entre os dois processos, a saber, o princípio do prazer, o qual consiste em encontrar e alcançar a felicidade, mantida como objeto central do desenvolvimento individual. No entanto, no âmbito da civilização, Freud propõe que a felicidade pessoal é necessariamente ignorada pelo interesse da unidade e coesão social.

Em relação a isso, Freud (1930) teorizou que todos os indivíduos devem manter dentro da economia de sua libido o equilíbrio entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. Em sua discussão particularmente aponta para exemplos históricos de comportamento violento e destrutivo e conclui que a história da própria civilização pode ser definida embora em termos muito gerais, como uma luta contínua e não resolvida entre Eros (pulsão de vida) e o seu principal adversário a Thanatos (pulsão de morte).

Isso se explica pela afirmação de Freud (1930) de que a civilização é intrinsecamente hostil a felicidade humana. O processo civilizador do ser humano envolve sufocar muitos dos impulsos sexuais que levam ao prazer, também observa que a participação na vida civilizada implica em renúncia de impulsos agressivos. Assim para sermos civilizados devemos abrir mão de nossos instintos (sexo e violência). Esses dois prazeres encontram saídas em várias atividades

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

sublimadas, um exemplo bastante característico é o esporte, onde violência ocupa uma outra posição. No entanto, a sublimação não substitui a experiência direta do cumprimento do instinto. Se a civilização exige tais sacrifícios não só sobre a Sexualidade, mas também das tendências agressivas na humanidade, podemos compreender melhor porque deve ser tão difícil os homens se sentirem felizes.

Em Totem e Tabu, Freud (1913 - 1914) propôs que as sociedades humanas foram inicialmente organizadas de forma muito parecida com a organização dos grandes símios: o macho dominante, ao qual denomina o pai primevo, monopolizando as fêmeas. Os demais machos dos símios, se unem e matam o Patriarca opressivo, que vivo se apresentava como um impasse para a satisfação dos demais. No entanto, o ato se mostra profundamente traumático. O remorso produziu a primeira sensação de culpa e o pai primordial se tornou internalizado como superego. Assim, o assassinato do pai primevo, deixou como herança psicológica a instância psíquica superegógica. Este pai posteriormente é manifestado nas figuras onipotentes de Deus "Pai Todo Poderoso", dos reis divinizados das antigas civilizações e dos líderes patriarcais carismáticos da história mais recente. O desejo do neurótico é ocupar o lugar desse pai, mas esse é repreendido pela culpa, pois somente a ausência dos instintos hostis de tiranos garante a vida em sociedade

Assim, Freud (1930) identifica o sentimento de culpa como um dos problemas centrais que ameaçam a civilização moderna e atribui responsabilidades ao funcionamento do superego, uma Instância psíquica interna que monitora as intenções e ações do Ego, mantendo os instintos agressivos sob controle, outro termo para o superego é consciência. Freud traça a formação do superego ao ato primordial da rebelião contra autoridade (assassinato do pai primevo por seus filhos). O sentimento de remorso ficou internalizado e o superego muitas vezes coloca exigências severas sobre o indivíduo que não pode realisticamente cumprir, o que causa grande infelicidade. Freud também fala sobre a existência de um superego coletivo, encarnado por líderes fortes ou homens de grande conquista que opera em maior escala dentro de uma determinada cultura ou sociedade.

Em analogia ao texto Freudiano sobre o Mal-Estar na Civilização de 1930, o sociólogo Zygmunt Bauman, em O Mal-Estar da Pós Modernidade (1988) pontua a mudança entre as perdas necessárias para a vida civilizada da modernidade, e a vida em sociedade do tempo atual. Para ele essa passagem implicou na mudança de todos os aspectos da vida humana. A chegada da Globalização trouxe consigo o que Bauman reconhece como modernidade imediata, ou modernidade "líquida", aquela que tem como marca a velocidade da troca de informações e o dinamismo. Enquanto a pós modernidade é líquida, a civilização freudiana de o Mal-Estar na Civilização (1930) buscava a solidez.

Dessa forma, relativizando os conceitos utilizados por Bauman para a denominar a modernidade e a pós modernidade, à teoria das neuroses de Freud, pode-se entender a modernidade como uma sociedade obsessiva e o período contemporâneo da pós modernidade como uma sociedade histórica. Haja vista que, na primeira a felicidade era revogada em nome da vida social, enquanto

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

que atualmente, a característica que marca a contemporaneidade é a necessidade de ser feliz acima de tudo, ou seja, de abrir mão do que quer que seja em nome da felicidade, da própria satisfação.

Na civilização moderna referenciada por Freud (1930), a humanidade abdica de sua liberdade e felicidade em nome da segurança. Nesse sentido, de acordo com Bauman o que marcava esse momento eram as botas dos militares, que em nome da ordem, esmagavam as faces humanas. A estabilidade era a máxima pretendida em todos os aspectos da vida: nas relações, no emprego, na família, e em busca disso, aceitava-se o autoritarismo do Estado. Enquanto que na pós modernidade, o desejo de liberdade individual toma dimensões gigantescas. Se opondo ao período anterior, assim como a Histórica, que tem a indiferença como marca, na atualidade as relações e, antes disso, as pessoas são descartáveis. Assim como o emprego, os objetos de consumo, em geral, observam-se que tudo que não satisfaz mais pode ser colocado no lixo.

Assim a busca da felicidade apresenta inúmeras contradições. Apesar de o aparato tecnológico atual permitir a sobreposição do tempo ao espaço e possibilitar a conexão sem limites, ninguém está conectado a ninguém. O que se vivencia atualmente, mais do que nunca, é a evidência do individualismo e da efemeridade das relações. Nada se conserva em um mesmo formato, por muito tempo, as mudanças são constantes, inclusive nas relações. Em Amor Líquido (2004), Bauman vê as relações contemporâneas como líquidas e instáveis. São estados temporários passíveis de mudança, exaltando a fragilidade que marca as relações sociais e os laços humanos atuais. Essa fragilidade é a consequência primeira da máxima: “seja feliz acima de tudo”.

Revelar a falta é insuportável no mundo dos “selfies”. As atualizações de status das redes sociais evidenciam a necessidade de demonstrar a certeza sobre tudo: o que está comendo, os lugares que está frequentando, às pessoas a quem está amando – é uma defesa à incerteza sobre a própria felicidade. A angústia está em tapar todos os buracos deixados pelos momentos tristes que são comuns a todos. Viver somente para si é vivenciar a solidão, a instabilidade, a certeza da infelicidade. As medidas paliativas das quais Freud (1930) falava são cada vez mais necessárias, aumenta-se o número de antidepressivos, os sucessos de venda das autoajudas, como forma de afastar a angústia que é constituinte.

A depressão é a doença do século, o estranho disso é que isso se revela no mesmo século em que a felicidade é livre a todos. A insegurança e a instabilidade são vendidas como sonhos de consumo no mundo atual, no entanto, o sujeito, corroído pelas incertezas, se angustia por não saber nada sobre seu futuro e pela necessidade de aparentar felicidade apesar de... tudo. Viva o hoje, é o que se diz. Mas o que se percebe na atualidade é a evitação de viver qualquer coisa, como resultado da angústia. O que realmente é demonstrado pelos estados anestésicos das substâncias psicoativas, pelas relações descartáveis, pelo afastamento entre os indivíduos provocado pela “conexão”, pelo consumo desenfreado de inutilidades, é que o sujeito é impotente quanto a sua felicidade e completude.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

No desejo de reconhecimento por parte dos outros sobre a própria felicidade, o sujeito consome a si mesmo. Assim como mercadorias, precisa reinventar-se constantemente pelo medo de se tornar obsoleto. Essa flexibilidade da própria identidade denuncia a falta de reconhecimento sobre si mesmo e a própria subjetividade, que leva ao rompimento dos vínculos, mascarado de “amor livre”, e conseqüentemente ao isolamento. A rotina é solitária no mundo contemporâneo apesar da globalização.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós Modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- FREUD, Sigmund. (1913 -1914). Totem e Tabu. In. FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. 13. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1920). Além do Princípio do Prazer. In. FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. 18. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1927). O Futuro de Uma Ilusão. In. FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. 21. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1930). O Mal-Estar na Civilização. In. FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. 21. Rio de Janeiro: Imago.
- HABERMAS, Jürgen. **Dialética e Hermenêutica**. Traduzido por: Álvaro Valls. L&PM, 1987.
- KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **A Crise do Século XX**. 2. ed. - São Paulo: Ática S. A., 1991.
- SILVA, Josué Cândido. **Hermenêutica: A arte de Interpretar o Sentido da Palavra do Autor**. In: Pedagogia e Comunicação. 2007.